

Carlos Fiolhais¹⁰⁷

Ninguém manda na escola

O director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra acredita que a escola tem sido «maltratada» e que a receita para ultrapassar a crise «profunda e estrutural» que esta atravessa passa por «menos ideologia e mais pragmatismo». Carlos Fiolhais considera, ainda, que «o desemprego atinge menos quem tem mais habilitações», defende que o «impulso externo» para transformar a dinâmica das faculdades deve partir dos governos e, finalmente, afirma que nesta fase de crise energética o «nuclear não deve ser um tabu».

É o cientista português com o artigo mais citado em todo o mundo – referido mais de 5600 vezes. Como recebeu a notícia, sabendo que vive num país com pouca tradição científica?

Fiquei admirado mas, claro, contente em saber que um trabalho feito em colaboração com colegas americanos encontrou tantas aplicações em áreas tão diferentes como a Física, a Química, a Engenharia de Materiais, a Biologia, etc. Isso significa que o trabalho é útil a muita gente e que não ficou “sepultado” nas bibliotecas e arquivos. Quanto à tradição científica do país, de facto não é grande, mas o aumento de colaborações internacionais como aquela em que participei significa que o nosso atraso

¹⁰⁷ Professor universitário e ensaísta, é um dos cientistas, divulgadores de ciência, mais conhecidos em Portugal. Licenciou-se em Física e doutorou-se em Física Teórica. É Professor Catedrático no Departamento de Física da Universidade de Coimbra. Foi professor convidado em universidades de Portugal, Brasil e Estados Unidos. Publicou 35 livros. Recebeu o Prémio Inovação e o Prémio Rómulo de Carvalho. Actualmente é director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Entrevista realizada por Nuno Dias, em Janeiro de 2009.

nessa área está a ser vencido. O atraso resultava em boa parte de isolamento. Era um atraso grave, pois, como mostra este caso de multiplicação de aplicações, a tecnologia que ajuda ao desenvolvimento tem hoje uma forte base na ciência fundamental. Devo acrescentar que outros cientistas portugueses têm produzido artigos com muito impacto e alguns deles têm, integrando as suas várias publicações, um currículo bem melhor do que o meu. São esses colegas, trabalhando lá fora e aqui, que mais têm feito para quebrar o nosso atraso e alicerçar uma nova tradição.

É físico nuclear de formação. Numa altura em que o debate sobre as alternativas energéticas está em cima da mesa, é dos que defende o recurso ao nuclear?

Sim. Fiz no início dos anos 80 uma tese sobre a física teórica da cisão nuclear. Ao contrário de muita gente, não tenho medo da ciência e tecnologia do nuclear. A indústria nuclear, com toda a atenção de que tem sido alvo, é hoje uma das mais seguras do mundo. O maior recurso ao nuclear já está em curso em vários lados do mundo, motivado pelo aumento das necessidades energéticas e pelos bem conhecidos problemas com os combustíveis fósseis (uma das vantagens do nuclear é a não contribuição para o “efeito estufa” ao não emitir dióxido de carbono). As energias alternativas são altamente desejáveis, mas elas, no estado da arte actual, estão longe de resolver as nossas carências energéticas, nomeadamente de indústrias e grandes centros urbanos. Sobre o caso português, julgo no mínimo que se devia discutir o assunto: a energia nuclear não devia ser tabu. Não percebo a atitude do governo em adiar esse debate público. Pode haver razões políticas, económicas, ambientais ou outras, para além das que são estritamente científico-tecnológicas, para alargar o leque das opções energéticas, recorrendo ao nuclear, mas elas devem ser discutidas abertamente na sociedade. Os cientistas e engenheiros portugueses estão dispostos a dar o seu contributo, mas a discussão deve ser de todos.

Continua a desbravar os caminhos da divulgação científica. Considera-se uma espécie de “último dos moicanos” num país que trata a ciência como parente pobre?

“Último dos moicanos”? Não, não considero, há gente muito boa, melhor do que eu, a, como diz, desbravar os caminhos da investigação científica. Estou-me a lembrar do Nuno Crato, do Jorge Buescu, do Jorge Dias de Deus e de vários outros amigos (na divulgação científica somos bastante solidários, pois temos bem a noção que todos não somos demais). E há, felizmente, gente mais jovem, que está muito activa. O “Ciência Viva” tem feito um óptimo trabalho, com uma rede de centros espalhados pelo país e numerosas iniciativas. O mesmo acontece com a editora Gradiva, cuja colecção “Ciência Aberta” tem sido um enorme êxito. Com jornais como o “Público”, cujas notícias de ciência têm ajudado a estimular o interesse dos leitores pela ciência.

Claro que ainda há muitos caminhos a percorrer, mas o facto é que o público se tem vindo a interessar cada vez mais pela ciência, apercebendo-se que fica mais rico se for parente próximo dela.

Defende que cultura e ciência devam andar mais próximas. Estamos a pagar o atraso crónico do insuficiente investimento em áreas centrais de mudança em qualquer sociedade?

A ciência é uma forma de cultura. A cultura humana, apesar de plural e diversa, deve progressivamente ganhar uma maior coesão, todos devendo ser contribuintes líquidos para isso. A ciência pode e deve aproximar-se de outras formas de cultura, por exemplo pode aproximar-se mais da arte (ciência e poesia podem aparecer mais juntas, e o mesmo com a ciência e a música, a ciência e o teatro, etc.). E vice-versa, as outras formas de cultura ganharão em aproximar-se da ciência. A ciência – que não é mais do que a descoberta do mundo em que vivemos, incluindo-nos a nós próprios nesse mundo – tem aliás mais a ver com as outras formas de cultura do que normalmente se pensa. Por exemplo, o cientista pode também ser guiado por critérios estéticos no seu trabalho de descoberta. Também na ciência se experimentam emoções que não estarão muito distantes das emoções artísticas. É curioso que já alguém notou que as épocas de maior progresso cultural foram também as épocas de maior progresso científico, embora isso seja difícil de medir.

A cultura pode então contribuir para transformar a sociedade...

Estou de acordo consigo quando diz que a cultura, e portanto também a ciência, são alavancas de mudança. E, no nosso país, isso nem sempre tem sido reconhecido na prática, através de um investimento concertado e continuado. Por exemplo, apesar de haver alguns recentes sinais positivos de investimento na ciência, preocupa-me muito que não haja investimento concomitante na cultura, uma vez que o investimento público nessa área tem vindo claramente a diminuir. Creio que estamos ainda a pagar o atraso crónico no investimento cultural, mas esse atraso será mesmo crónico se o desinvestimento cultural continuar. Poder-se-á responder que os tempos de hoje são de crise. Pois a minha resposta é que é precisamente nessa altura que se têm de fazer os investimentos que mais rendam no futuro.

Um dos relatórios do Eurostat refere que apenas 24 por cento dos portugueses visitaram um museu ou galeria de arte no último ano. Para além disso, somos dos que menos lêem. Como inculcar hábitos culturais, especialmente de leitura, num povo que continua a preferir o consumo televisivo?

As estatísticas europeias informam-nos periodicamente que o nosso lugar continua a ser na cauda da Europa. A frequência a museus e a leitura são índices reveladores, embora haja outros. Em contrapartida, como lembra, investimos demasiado do

nosso tempo na televisão, essa grande “ladra” de tempo. Estamos condenados ao atraso cultural? Não, não estamos. Mas, além do investimento acrescido na cultura (nomeadamente nas bibliotecas públicas, que são lugares de civilização, e na protecção do nosso património histórico), julgo que o maior esforço que tem de ser feito será no domínio da educação. A educação é, tem sido, o nosso calcanhar de Aquiles. Olhe que eu nem sei se os miúdos agora sabem o que é um calcanhar de Aquiles... Pergunte numa escola ao acaso e talvez só saibam do calcanhar do C. Ronaldo. Na minha opinião, e não esquecendo o papel da família, é na escola que a cultura deve começar. Para as crianças mais pobres, a escola representa a oportunidade de sair da pobreza.

O «nacional-conformismo» e a falta de auto-estima são dois factores centrais da equação que nos impedem de progredir?

Sim, são, há traços culturais, por vezes bastante profundos, na nossa insuficiência. Muitos estrangeiros que nos visitam têm dito isso. O “deixa andar” de que fala é uma praga nacional. Também se pode traduzir por “logo se vê”, uma expressão de difícil tradução noutras línguas. Julgamos que as coisas se podem resolver por elas próprias, sem a nossa intervenção esclarecida e atempada. O facto de não nos acharmos capazes, ou de só em certas alturas e para certas coisas nos acharmos capazes (o poeta Carlos Queiroz escreveu: “Só fazemos bem torres de Belém”), não ajuda nada a enfrentar os desafios na altura certa em que eles devem ser enfrentados. Vamos adiando. Vamo-nos adiando. Esperamos não sei o quê, não sei quando. Ora, na actividade científica, não é assim, não se avança assim. Embora as nossas vidas não se possam reger apenas pela ciência, a ciência é das “coisas mais preciosas que temos” e só nos faria bem ter uma atitude mais científica nas nossas vidas. É também por isso que a necessidade de ciência é particularmente sentida em Portugal.

Rejeita que existam portugueses com habilitações académicas em excesso. Os recorrentes estudos dizem que estamos a formar para o desemprego, nomeadamente nos cursos de lápis e papel. Onde está o erro?

Eu percebo o drama individual de quem termina um curso superior e não obtém imediatamente emprego. Mas não estamos a formar para o desemprego, pois uma escola superior não é exactamente uma agência de emprego. A escola destina-se a preparar melhor para a vida e não há dúvida que as pessoas com mais habilitações estão mais bem preparadas para a vida. Está provado: O desemprego atinge menos quem tem mais habilitações.

As universidades são vistas como promotoras de melhor emprego. Deve passar-se a mensagem, sem constrangimentos, que a licenciatura é apenas uma licença para aprender, parafraseando Adriano Moreira?

Sim, é uma frase em que me reconheço. Depois da licenciatura, ainda há o mestrá-

do e o doutoramento, que são tempos por excelência de auto-aprendizagem. E depois a aprendizagem prossegue, porque o mundo não pára. Hoje fala-se em aprendizagem ao longo da vida e na primeira parte da vida devíamos aprender o suficiente para aprender mais depois. Quero crer que as universidades portuguesas estão atentas a essa necessidade de aprendizagem contínua e estão a começar a desenvolver programas, à distância ou mesmo presenciais, para que possam ajudar mais quem queira aprender mais.

No seu livro de crónicas “O Engenho Luso” afirma que as universidades dificilmente se auto-reformam. De onde pode vir o impulso externo para operar a transformação?

A história mostra que as universidades têm, de facto, muitas dificuldades em mudar por dentro. Isso terá a ver com o facto de serem, além de sítios de transformação (criadores de saber), sítios de conservação (guardiães do saber). Por vezes a inércia é muito grande, apesar das grandes transformações que ocorrem lá fora. Não desprezando as contribuições de forças económicas, profissionais e sociais, julgo que o impulso externo deve vir dos governos. Numa sociedade democrática é ao governo que compete intervir na regulação das escolas públicas (e também, embora naturalmente de modo diferente, na regulação das privadas). O nosso governo mudou há pouco – e julgo que bem – o regime jurídico das universidades. Mas, ao mesmo tempo que fala em autonomia acrescida das universidades, diminui a autonomia ao estrangulá-las financeiramente. Algumas universidades mais pequenas estão numa posição insustentável e mesmo as maiores não estão nada bem.

É possível, algum dia, ter um centro universitário de excelência em Portugal?

A ideia de uma universidade de excelência, pelo menos em certas áreas, à escala europeia tem vindo a público pela boca de outras pessoas. Eu também acho que seria excelente procurarmos ter pelo menos uma universidade no topo europeu. Mas isso exige um elevado investimento em meios humanos, que talvez não seja compatível com o anunciado investimento em betão.

Disse que «a escola é uma das maiores invenções da humanidade». Pelo menos por cá, a invenção, parece viver em crise. Como chegámos aqui e como reabilitá-la?

A crise é profunda, estrutural, como explico no capítulo “O atraso português” do meu livro “A Coisa Mais Preciosa Que Temos” remonta pelo menos ao século XIX, quando os outros países se desenvolveram muito mais que nós, em grande parte graças ao desenvolvimento da escola. Não há dúvidas que, desde 1974, tem havido em Portugal algum desenvolvimento, mas a escola não se desenvolveu o suficiente. É uma herança que, pese embora a propaganda em contrário, está longe de ter sido ul-

trapassada. Dói-me o estado da escola portuguesa, que tão maltratada tem sido. Também estou certo que dói a muitos professores, também eles tão maltratados. Como sair da crise actual? Não há alternativa à escola. Precisamos, quando não a temos, ainda mais dela. Mas era preciso uma visão, uma esperança, uma audácia (o Obama que me desculpe tirar-lhes os slogans!) que infelizmente ainda não há.

O “eduquês”, o discurso educativo oficial, está a minar o sistema?

Sim, o “eduquês” pode não ser a causa dos nossos males escolares, mas não ajuda nada. E não se trata apenas do discurso oficial, por vezes completamente vazio, como o Nuno Crato e outros têm chamado a atenção. É também – e isso é que é pior – a perigosa ideologia que está por trás, a ideologia não directiva, romântica, que está provado que não funciona. O problema é que se trata de uma ideologia totalitária, que não admite sequer contestação, e que entre nós está instalada há muito tempo. Não funciona noutros lados e também não funciona aqui. Julgo que só nos faria bem ver aprofundar a crítica, que já é muito nítida lá fora, a uma ideologia que deu os resultados que estão à vista de todos. Aliás, o nosso ensino ganharia se houvesse menos ideologia e mais pragmatismo.

Fica-se com a ideia que a instituição escolar está “sem rei nem roque”. Os professores perderam o poder que tinham e distanciaram-se do centro do sistema. Quem manda na escola?

Boa pergunta, quem manda na escola? Acho que ninguém manda. Os professores não mandam, o governo não manda, as autarquias e as famílias também não. Julgo que era tempo de responder à questão. Poder-se-ia pensar – se no estado actual de confusão se pudesse pensar alguma coisa – que às escolas fosse dada suficiente autonomia para se organizarem da maneira que os professores (os professores são centrais na escola!), em colaboração com as autarquias, as famílias, etc. e que o governo se limitasse, em vez de querer ser o “rei” absoluto, que tudo estabelece e determina, a definir regras claras, incentivando as escolas mais bem organizadas e desincentivando as outras.

Este processo pode levar a que os melhores docentes, desencantados, abandonem o ensino?

O actual processo já está a levar a isso. Os professores estão desanimados com a entropia que vai nas escolas. E os melhores professores estão mais desanimados. Muitos estão a ir embora e só não vão mais porque não podem. A sociedade, a começar pelo governo, devia valorizar mais os professores, em particular os melhores professores. A avaliação que tem sido anunciada para escolher os melhores julgo que não cumpre esse louvável objectivo.

O Governo confundiu os professores com os sindicatos?

Sim, os professores estão mal representados pelos sindicatos, mas o certo é que governo não os distingue. Ao querer lutar com os sindicatos cometeu o grande, o enorme erro de lutar contra os professores.

Matemática, Física e Química são «bichos/papões» na mente de muitos alunos, com resultados paupérrimos. A formação científica dos nossos jovens é cada vez mais incipiente?

Que a formação científica dos nossos jovens não vai bem é revelado por sucessivas avaliações internacionais, como o programa PISA. Essa avaliação é externa e independente, pelo que os seus resultados nos deviam preocupar seriamente. Outros países preocupam-se e nós não. O paradoxal é que o interesse dos nossos jovens pela ciência e os progressos das acções de divulgação científica não encontra eco nesses resultados internacionais. O que só mostra que a escola está mal e tem de ser mudada...

Os resultados a Matemática melhoraram substancialmente. Admite a facilitação das provas em prol da estatística?

Não, não melhoraram. As avaliações externas mostram a constância dos maus resultados e, oxalá me engane, as próximas vão continuar a mostrar o mesmo, porque as mudanças na educação são lentas. Quanto aos exames nacionais, da responsabilidade do Ministério da Educação, eles não têm tido fiabilidade para termos suficiente confiança nos seus resultados. Veja o que diz a Sociedade Portuguesa de Matemática.

Com os progressos das tecnologias da informação, as bibliotecas mudaram muito nos últimos tempos. Algumas tornaram-se virtuais. Que futuro augura às bibliotecas tradicionais do mundo quando todos temos à disposição informação planetária à distância de um clique através de enciclopédias online e de motores de pesquisa como o Google?

As bibliotecas tradicionais, cheias de livros e documentos, não perderam nem o seu valor nem o seu lugar. Elas organizaram-se, ao disponibilizar os seus conteúdos (por agora só parte) para serem também bibliotecas virtuais. As bibliotecas modernas são um híbrido, por um lado ricos repositórios materiais onde apetece ir e ficar e, por outro lado, “antenas” que emitem informação e conhecimento para todo o mundo. A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, que tenho a honra de dirigir, está a ir por esse caminho.

Confidenciou que o seu sonho era digitalizar o conteúdo integral da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, que dirige, colocando esse acervo ao

alcance de todos, nas nossas próprias casas. Pensa que o seu sonho pode, um dia, tornar-se realidade?

Sim, tecnicamente é já hoje possível. É uma questão de prioridade e de investimento nessa área. Poderá demorar, mas um dia será realidade. Já há uma pequena amostra que é o DVD-ROM “Biblioteca Joanina Virtual”, que contém cerca de duas dúzias de obras antigas totalmente digitalizadas. Agora só falta fazer o mesmo, mas numa escala maior.